

O Japão está pronto para abraçar a diversidade?

Marcos Sadao Maekawa



Project Officer na APNIC Foundation (Brisbane, Austrália), Marcos Sadao é coordenador de projetos de desenvolvimento de pesquisa e educação na Ásia financiados pela APNIC Foundation e atualmente trabalha no projeto SOI Asia (*School on Internet Asia*) na Keio University, entre outros. Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1996, mudou-se para o Japão no mesmo ano para começar a carreira em design gráfico. Marcos é doutor em design de mídia pela Keio University (Tóquio), onde lecionou em tempo integral por cinco anos e continua como pesquisador.

Durante os 12 anos que passou envolvido com o meio acadêmico, explorou o papel do design para produzir impacto social, com foco na educação de cidadania global e digital. Fez estágio no Berkman Klein Center da Harvard University, trabalhou e coordenou iniciativas educacionais de design global, tecnologia e educação juntamente com organizações internacionais, escolas e universidades da Ásia, Europa e Estados Unidos. Seu interesse encontra-se na intersecção da sociedade global, tecnologias de aprendizagem, diversidade e inclusão, e design.

E-mail: marcos@kmd.keio.ac.jp

Resumo

O Japão vem tentando abraçar a diversidade e se tornar um país mais inclusivo. Mas qual é a situação da diversidade no país do sol nascente? Este ensaio começa lembrando a mensagem dos jogos de Tóquio 2020 e traçando um panorama histórico e social sobre a questão da diversidade no Japão. Em seguida, o autor descreve algumas das estratégias do país para promover valores de diversidade cultural e inclusão na educação. Por fim, o autor faz uma reflexão sobre o papel da tecnologia no futuro da diversidade no Japão.

Palavras-chave

Diversidade e inclusão, estrangeiros no Japão, crianças e jovens, educação, tecnologia, Sociedade 5.0

O Japão está pronto para abraçar a diversidade?

Um olhar atual sobre a diversidade no Japão

A olimpíada e paraolimpíada de Tóquio 2020 mostraram como o Japão vê o seu futuro em relação à diversidade, um dos temas centrais dos jogos. Tóquio 2020 foi um evento repleto de números superlativos relacionados à diversidade e inclusão. O evento contou com o maior número de competidores em uma edição dos jogos, 11.656 atletas de 206 delegações de todo o mundo, ficando apenas atrás do Rio 2016, que contou com 207 equipes. Essa edição dos jogos olímpicos foi a primeira da história em que houve um equilíbrio de gênero, onde 49% dos atletas competiram em modalidades femininas. Essa foi também a olimpíada com mais atletas publicamente LGBTQAI+.



Tóquio 2020: a diversidade foi um dos temas principais do evento
Crédito: F11photo | Dreamstime.com

No ápice da cerimônia de abertura da olimpíada, a tenista Naomi Osaka acendeu a pira olímpica oficializando a abertura dos jogos. A escolha da atleta —mulher, jovem, afrodescendente, criada nos Estados Unidos e não fluente no idioma japonês— para estrear o momento mais importante do evento foi um marco e simbolizou a celebração da diversidade no Japão.

A própria delegação japonesa era o reflexo das mudanças na sociedade atual. O Team Japan trouxe, além de Osaka, atletas com raízes étnicas diversas, nascidos e/ou criados no exterior e alguns que demonstraram em entrevistas não dominar o idioma japonês fluentemente.

A Paraolimpíada de Tóquio-2020 também deixou sua marca como a maior edição da história dos jogos. Foram mais de 163 delegações, formadas pelo número recorde de 4430 atletas disputando 22 modalidades divididas em 539 categorias, e que inspiraram a audiência global para a importância da inclusão de pessoas com deficiências. O tema da abertura dos jogos paraolímpicos foi também uma das maiores celebrações da diversidade e da inclusão, em toda a sua amplitude. As estrelas do show foram os mais de cem artistas, músicos e dançarinos de idades, gênero e deficiências diversos.

Se não fosse a pandemia, o Japão provavelmente receberia um número recorde de turistas. E o país vinha se preparando melhorando a sua infraestrutura de turismo. Milhares de quartos de hotel construídos em todo o país, motoristas de táxi, funcionários de restaurantes, hotéis e pousadas japonesas e outros serviços em geral vinham aprendendo inglês e outros idiomas e muitos tinham aulas sobre diversidade nos treinamentos para fazer o que sabem tão bem: a arte da hospitalidade, de receber bem um visitante.

- ◆
- ◆
- ◆
- ◆
- ◆
- ◆

Toda essa celebração e números que emocionaram o mundo acabaram, porém, revelando um outro lado da sociedade local. As mídias sociais foram inundadas de críticas à escolha de Naomi para acender a pira olímpica, alegando que ela não representa o atleta japonês tradicional. O jogador de basquete Rui Hachimura e seu irmão Allen, afrodescendentes nascidos e criados no Japão, declararam publicamente que ainda hoje são vítimas de preconceito racial, entre outros tipos de agressões.

Apesar de todo o esquema criado para isolar a população local das pessoas relacionadas com o jogos vindas do exterior, o governo foi fortemente criticado pela realização dos jogos em tempos de pandemia e o aumento de casos no período foram injustamente creditados aos visitantes estrangeiros.

Mas a mensagem para o mundo de um novo Japão, aberto para a diversidade e a inclusão, foi enviada. Porém, o mundo sabe que o país ainda está engatinhando em termos de diversidade quando comparados a países como os Estados Unidos, países europeus ou mesmo o Brasil. A sociedade japonesa ainda guarda resquícios culturais e sociais que são os maiores desafios para se tornar uma nação realmente mais inclusiva, principalmente em relação à diversidade étnico-cultural.

Reflexos das heranças históricas nos tempos atuais

O Japão é conhecido pelos seus contrastes, onde a tradição e a modernidade convivem em plena harmonia. Mas quem conhece a cultura local sabe que é também um país que tem dificuldades para lidar com diferenças, no que se diz respeito ao indivíduo, principalmente, se esse indivíduo não se encaixa nos modelos impostos pela sociedade. Traçando-se um panorama rápido da história japonesa é possível entender algumas dessas dificuldades.



Contrastes: pinheiros milenares em jardim japonês e arranha-céus no centro de Tóquio.
Crédito: Marcos Sadao Maekawa

O Japão foi um país fechado para o mundo por mais de 200 anos e só se reabriu na segunda metade do século XIX, quase no final da Era Edo (1603-1868). Durante esse período, praticamente não era permitida a entrada de estrangeiros no país e cidadãos japoneses comuns não tinham permissão para viajar ao exterior.

Apesar de isolados do mundo e das normas sociais rígidas impostas pelo xogunato Tokugawa, a Era Edo foi marcada por um longo período de paz. E esse foi um fator importante que permitiu o crescimento econômico, inovações tecnológicas, o desenvolvimento artístico e intelectual, e a popularização das artes, da cultura e do entretenimento. Foi neste período em que surgiram muitas das referências que sintetizam o que o mundo conhece da cultura tradicional japonesa, como o teatro kabuki e as estampas ukiyo-ê.



Ukiyo-ê: herança cultural do Período Edo. O kabuki é até hoje um dos maiores símbolos culturais do Japão" (Crédito: Kobby Dagan | Dreamstime.com)



Esse período foi encerrado com a reabertura das fronteiras, quando outras nações como a Inglaterra, os Estados Unidos e a Rússia, e mais tarde, o Brasil, vieram ao Japão para fechar tratados de comércio. Nessa mesma época, o Japão começou a enviar missões para o Ocidente e aos poucos foram retomando as relações comerciais com outros países.

A primeira metade do século XX também foi um período conturbado marcado por conflitos regionais e guerras mundiais que acabou culminando num período de reclusão, quando o Japão se isolou culturalmente do resto do mundo. Com o fim da Segunda Guerra, o país se viu na necessidade de se reconstruir e então restabelecer o seu lugar no cenário internacional. O governo começou a criar estratégias para expandir a sua cultura pelo mundo e aproveitou a redemocratização imposta pelos norte-americanos para começar o seu processo de internacionalização.

Porém, esses períodos de isolamento, os eventos históricos ligados a conflitos e intervenções com o resto do mundo deixaram resquícios na sociedade e na cultura japonesa. Essas marcas estão enraizadas principalmente entre as gerações que viveram esses períodos durante e pós-guerra, como a atual geração da terceira idade, que atualmente representa quase um terço da população. Adicionados a uma demografia étnica altamente homogênea, esses fatores podem ser considerados as maiores barreiras para aceitação de uma cultura mais globalizada.

Panorama demográfico do Japão

A demografia do arquipélago é uma das mais homogêneas do mundo em termos de etnia. Quase a totalidade da população considerada japonesa é formada pelo grupo étnico *yamato* e minorias como os *ryukyus* (originários de Okinawa), suas ramificações e os *ainus*. De um total de aproximadamente 126 milhões de habitantes, apenas 2.1% (quase 2,7 milhões) da população é formada por cidadãos de outras nacionalidades.



Japão: uma das demografias mais etnicamente homogêneas do mundo. Crédito: Victor Deweerdt em Unsplash



A presença de cidadãos de outras nacionalidades ou com ascendência não-japonesa tem acrescentado cores diferentes à demografia japonesa. Chineses representam a maior parte da comunidade estrangeira no Japão, seguidos de coreanos, vietnamitas, filipinos e brasileiros. A maioria da população estrangeira no arquipélago está concentrada nos grandes centros como Tóquio, Osaka, Nagoya e Fukuoka.

As comunidades chinesa, vietnamita e filipina são basicamente formadas por adultos que vieram para o Japão em busca de oportunidades de emprego. Os coreanos vieram antes e durante a Segunda Guerra Mundial, quando Coreia (antes da separação) era uma colônia japonesa. Seus descendentes nasceram e cresceram em território japonês, falam o idioma fluentemente, muitos não dominam o idioma coreano e estão totalmente inseridos à sociedade japonesa. Mesmo assim, a lei japonesa não lhes dá o direito automático à cidadania japonesa e, não raramente, esses coreanos no Japão enfrentam diversas formas de discriminação e preconceito.

A situação dos filhos e netos de brasileiros que vieram para o Japão como decasséguis se assemelha a dos coreanos. Uma das características da comunidade brasileira que a difere das outras é que muitos vêm para o país acompanhados pela família. Outra peculiaridade é a crescente taxa de natalidade entre brasileiros, ao contrário da japonesa, que continua diminuindo desde o *baby boom* no começo da década de 70.

Estima-se que um quarto da comunidade brasileira—formada por cerca de 200 mil brasileiros—é formado por crianças e jovens em idade escolar. Muitos deles nasceram no Japão ou vieram ainda muito pequenos. Assim, não consideram o Brasil como a sua pátria, apenas uma terra longínqua onde vivem avós e outros parentes. Não são poucos os casos de brasileiros que ainda nem chegaram a conhecer Brasil e não consideram retornar no futuro. Mas perante a sociedade japonesa, eles são estrangeiros. E é essa geração que tem enfrentado dificuldades numa sociedade não acostumada com a lidar com a diversidade cultural.

O sistema educacional japonês enfatiza os valores coletivos e a importância dos valores individuais ficam sempre em segundo plano. Indivíduos que se destacam demais dentro de um grupo não são sempre bem-vistos, nem estimulados a desenvolver talentos individuais. Nesse cenário, crianças e jovens não-japoneses são facilmente identificados como elementos diferentes dentro de um grupo homogêneo. Não raramente, esses jovens são alvos de bullying por causa das suas feições, por não conseguirem se adaptar ao ambiente local, ou mesmo pela dificuldade para se comunicarem no idioma japonês.

No geral, os japoneses têm poucas oportunidades de exposição a outras culturas no seu dia a dia, principalmente se moram em regiões mais afastadas dos grandes centros. Muitas vezes o primeiro contato com alguém de outra cultura acaba sendo um turista ou um professor de idiomas. Não raramente, esse primeiro contato acontece apenas quando viajam ao exterior. E quanto mais tarde esse contato com outras culturas, maiores as barreiras e estereótipos a serem quebrados para um melhor entendimento e abertura em relação à diversidade cultural.

Educação de cidadãos globais

Com as transformações trazidas pela globalização e pelo desenvolvimento tecnológico, o governo japonês vem há tempos criando estratégias de promover os valores globais na educação e facilitar a sua conexão com o mundo.

- ◆
- ◆
- ◆
- ◆
- ◆
- ◆

A primeira medida tomada pelo governo japonês foi o ensino obrigatório do idioma inglês. Após a Segunda Guerra, o inglês se tornou matéria obrigatória a partir do equivalente ao ensino fundamental II. Porém, o inglês como segundo idioma em sala de aulas japonesas é basicamente focado em gramática e ensinado como um conteúdo a ser apenas memorizado e não como uma ferramenta de comunicação e expressão. Enquanto boa parte dos japoneses com curso superior compreende o inglês escrito, poucos conseguem se comunicar verbalmente.

Preocupados com a falta de resultados concretos e a falta de professores japoneses capacitados para ensinar o idioma, em 1987 o governo criou o JET Programme (Japan Exchange and Teaching Programme, ou Programa de Ensino e Intercâmbio do Japão) com o objetivo de trazer estrangeiros para auxiliarem os professores de inglês nas escolas públicas. Em 2019, o programa recebeu mais de 5700 participantes de 57 países.

Mas pesquisas internacionais revelam que os resultados desses esforços não têm atingido os níveis esperados. Segundo o índice de proficiência em língua inglesa da EF, o Japão ficou na 78ª posição, com um resultado classificado como baixo, atrás de países com características demográficas semelhantes como a China e Coréia do Sul e também do Brasil.

Outra estratégia educacional mais recente relacionada a globalização é o incentivo para estudos no exterior. Além de bolsas de estudo e parcerias com universidades, o governo criou mais programas de curto prazo para diminuir as dificuldades para se estudar fora. Algumas universidades públicas também passaram a oferecer (e exigir) um período de estudo no exterior como pré-requisito para a graduação. O resultado foi o aumento expressivo do número de estudantes japoneses no exterior —atingindo mais de 107 mil estudantes em 2019—, que foi interrompido por causa da pandemia.

O Japão tem feito inúmeros esforços para mudar a educação e criar uma geração com um pensamento mais global. Por exemplo, o Japão é um dos países com mais escolas associadas da UNESCO, cujos pilares principais são cidadania global, diversidade e desenvolvimento sustentável. Espalhadas por todo o arquipélago japonês, essas escolas têm como característica principal oferecer aos alunos a oportunidade de refletir sobre valores globais definidos pela UNESCO. Enquanto temas mais próximos da realidade dos alunos japoneses, como meio ambiente, têm produzido resultados visíveis na sociedade, outros como direitos humanos e apreciação da diversidade cultural acabam sendo baseadas em livros, pesquisa em material didático e teoria, resultando numa experiência com muito menos impacto.

O sistema educacional japonês sempre esteve nas primeiras posições nos rankings de matemática, leitura e ciência da PISA. Porém, o Japão não participou da avaliação na categoria “competência global”, onde o conceito de diversidade é um fator de peso. A ausência do país pode indicar que o país tem consciência de que precisa melhorar nesse quesito.

A percepção de diversidade e inclusão precisa ser desenvolvida de forma diferente de uma habilidade técnica, que pode ser aprendida em livros ou apenas com estudos. A experiência, o intercâmbio, o debate e discussões são elementos importantes para se adquirir essa competência e, para isso, é preciso promover mudanças não só no conteúdo, mas também em tecnologia de aprendizagem e pedagogias alinhadas às necessidades atuais e do futuro.

Preparação para um mundo global

Com o objetivo de ajudar a globalizar a educação no Japão e trazer os valores de diversidade para novas gerações, pesquisadores, escolas, ONGs e o setor privado têm unido forças e ajudado o país a acelerar as mudanças nesse cenário.

O projeto Global Education da Escola de Graduação em Design de Mídia da Keio University (Keio Media Design) tem explorado o uso da metodologia de *design thinking* na educação para cidadania global, incluindo os valores de diversidade, uso de tecnologias digitais e mídias sociais, além de abordagens como a gamificação da aprendizagem.

Segundo a diretora do projeto Professora Keiko Okawa, não podemos mais nos basear apenas em conhecimentos antigos para solucionar novas questões globais. Okawa afirma que além de conhecimento técnico, é preciso competências para trabalhar em conjunto com pessoas de culturas diversas, analisar problemas de diferentes perspectivas, e criatividade para achar soluções inovadoras. “Questões regionais ou globais só poderão ser solucionadas com esforços coletivos de todos os envolvidos”, comenta. “E entender e saber usufruir da diversidade é uma das competências mais essenciais para a próxima geração de cidadãos globais deste século”, completa a docente.

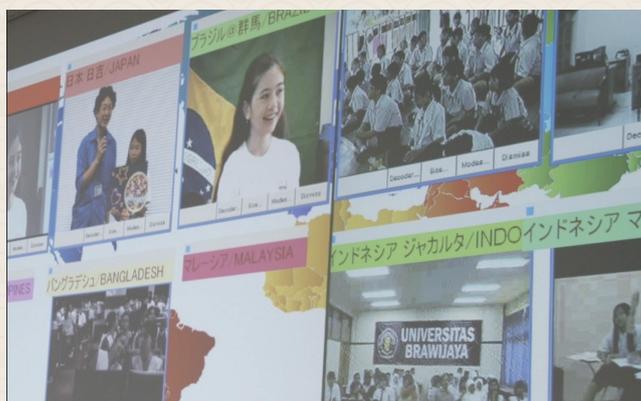
Uma das frentes do projeto Global Education desenvolve pesquisa para ampliar a visão dos jovens em relação a questões globais. Uma das iniciativas é o Global Workshop, em conjunto com a escola para meninas Fujimigaoka, localizada no bairro de Shibuya, em Tóquio. Desde 2014, a escola cede a matéria Introdução à Sustentabilidade para que o projeto pudesse criar e implementar currículos originais para as mais de 120 alunas do primeiro ano do ensino médio.

Todos os anos, o grupo de pesquisa formado basicamente por mestrandos, doutorandos e pesquisadores cria um currículo novo, baseado em uma temática referente a questões globais. Esses temas variam de meio ambiente a igualdade de gênero, sempre com um elemento global. As aulas são transformadas em oficinas e usam abordagens pedagógicas como o projeto de aprendizagem (project-based learning), design thinking, gamification e aprendizagem mão-na-massa (makers education).

A maior parte do conteúdo é dado em inglês ou com material bilíngue (inglês e japonês). Além do contato com os facilitadores —na sua maioria estudantes internacionais—, os pesquisadores conectam as salas de aulas com estudantes de outros países em tempo real para criar um ambiente que proporcione uma experiência multicultural mais substancial.

A estratégia educacional da escola Fujiomigaoka, da qual o Global Workshop faz parte, foi escolhida pelo MEXT (Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciências e Tecnologia do Japão) como uma das melhores iniciativas do programa Super Global High School para a promoção da globalização no ensino médio no Japão em 2019.

Além do Global Workshop, o projeto Global Education desenvolve projetos para conectar crianças e jovens de várias partes do mundo em um ambiente online, onde os participantes podem interagir e ter contato direto com a diversidade cultural mesmo sem sair do Japão.



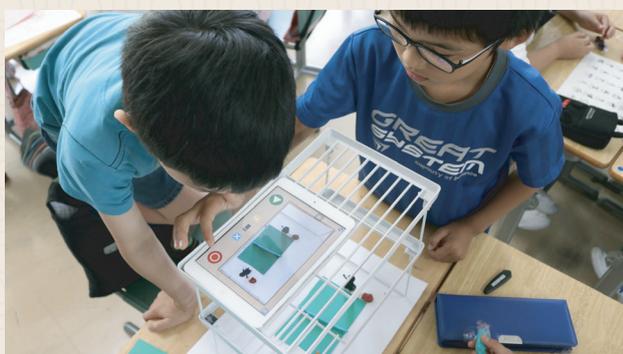
Salas de aulas pelo mundo conectadas: a tecnologia em sala de aula amplia a aprendizagem para uma esfera global.
Crédito: © Global Education Project, Keio Media Design

O Global Kindergarten, programa criado para promover a educação da diversidade em pré-escolas, já conectou crianças japonesas com outras crianças da Europa, Ásia e Brasil. As sessões são curtas e repleta de atividades que ajudam estimular a percepção de diferenças culturais e, ao mesmo tempo, a valorização dessas diferenças.



Crianças conectadas | Projeto Global Kindergarten: conectando jardins da infância no Japão e na França.
Crédito: © Global Education Project, Keio Media Design

Já o KomaKids, que foca em alunos dos últimos anos do ensino fundamental I, usa a criação de filminhos animados como ferramenta para exercitar a criatividade. Além disso, a produção criativa estimula o aluno a refletir sobre sua própria cultura, aprendendo e ensinando juntamente com participantes de outros países.



Projeto KomaKids: estimulando a criatividade para promover o intercâmbio cultural
Crédito: © Global Education Project, Keio Media Design



Projeto KomaKids: conectando alunos em Tóquio com brasileiros de escola localizada na província de Shiga.
Crédito: © Global Education Project, Keio Media Design

Estes e vários outros projetos e iniciativas têm ajudado a levar a diversidade cultural para dentro da sala de aula. Cientes da lentidão do sistema de educação pública para introduzir e implementar mudanças no currículo, professores, coordenadores e diretores têm procurado e recebido ajuda de outros setores para mudar pouco a pouco a educação proporcionada em suas escolas.

Por outro lado, o governo japonês tem investido na tecnologia digital como elemento transformador da educação. O programa GIGA School tem como objetivo criar um ambiente educacional digital otimizado para atender as necessidades de cada estudante, incluindo aqueles com necessidades especiais e assegurar o desenvolvimento de suas habilidades e talentos. Este programa também visa maximizar o poder de professores e alunos com as melhores práticas e infraestrutura de tecnologia da informação de ponta.



A tecnologia em sala de aula amplia a aprendizagem para uma esfera global.
Crédito: © Global Education Project, Keio Media Design

O orçamento de mais de 4 bilhões de dólares previsto para esse programa viabilizará a distribuição de computadores para cada estudante e redes de acesso à internet em todas as escolas. Além de otimizar a aprendizagem, essas medidas contribuem na promoção da diversidade e criatividade, aumentando também as possibilidades de aprendizagem ativa e criativa dentro e fora da escola. As novas tecnologias permitem conectar os estudantes com o mundo, contribuindo para a formação de indivíduos que serão os personagens principais do conceito de sociedade do futuro.

A sociedade ultra tecnológica

Os investimentos em tecnologia em diversos setores mostram que o Japão está levando a sério a revolução tecnológica e a sua visão de futuro. Em 2015, o Japão também aposta na criação de um modelo de sociedade do futuro chamado Sociedade 5.0. Esse novo conceito é definido como “uma sociedade centrada no ser humano, que o equilíbrio entre o avanço econômico e a solução de problemas sociais por meio de um sistema que integra os espaços físico e cibernético”.

Atualmente, as pessoas acessam serviços na nuvem (banco de dados) no espaço cibernético via Internet e buscam, recuperam, analisam informação ou dados. Já na Sociedade 5.0, uma enorme quantidade de informação—chamado de big data—coletada por sensores no espaço físico (mundo real) será acumulada no espaço cibernético (mundo virtual). Nesse espaço cibernético, essa big data será analisada por tecnologias baseadas em inteligência artificial (IA), e os resultados das análises retornarão em diversas formas à população.

Mais recentemente, o Japão criou a Agência Digital com o objetivo de acelerar o processo de digitalização dos serviços públicos fornecidos pelo governo e maior colaboração entre organizações governamentais, o setor privado e outras partes interessadas. A agência tem como missão a criação de um futuro em que a digitalização será focada no ser humano e “não deixará nenhum cidadão para trás”. Esse objetivo ambicioso visa “uma sociedade digitalizada que vai viabilizar a felicidade individual em formas diversas e da qual o mundo todo poderá se orgulhar”.

A escolha de Yoko Ishikura para posição de diretora da agência, mostra que o Japão está finalmente entendendo como se posicionar para promover mudanças profundas em altas escalas do governo. Ishikura é uma mulher idosa, sem experiência na área de TI, mas com um extenso currículo em liderança em grandes empresas japonesas e multinacionais, na área acadêmica, e conhecimento, experiência e visão amplas assuntos internacionais.



A Agência Digital está anexada ao recém-criado ministério digital, para promover a revolução digital em vários setores da sociedade. É justamente nessa área que Japão mostra que está levando a sério também o compromisso de promover também a diversidade de gênero, com a escolha de uma mulher jovem para a cadeira de ministra.

Caso bem-sucedidas, ambas as iniciativas—a realização da sociedade 5.0 e a transformação digital—colocarão o Japão em posição de destaque no cenário internacional como referência no uso de novas tecnologias para o desenvolvimento social. Espera-se diminuir a exclusão digital dos idosos, aumentar o número de mulheres em posição de liderança, e promover as estratégias de inclusão social de estrangeiros, minorias sexuais, portadores de deficiência e outros segmentos da sociedade que continuam fora do escopo das reformas sociais.

Conclusão

Para uma sociedade que sempre prezou a coletividade e a homogeneidade, reconhecer e respeitar diferenças e valores individuais são um grande desafio. Apesar da lentidão e falta de flexibilidade, devemos reconhecer os esforços que os japoneses têm feito para promover os valores de diversidade na educação, na sociedade e dentro do próprio governo.

O cenário atual é bem diferente de algumas décadas atrás, quando o papel da mulher na sociedade era basicamente de se casar e cuidar da casa, os estrangeiros eram vistos somente como turistas e homossexuais eram apenas figuras caricatas escondidos em guetos das grandes metrópoles.

Hoje, a mulher japonesa trabalha, se diverte e é independente, mas ainda enfrenta diferenças salariais em comparação com os homens. Os estrangeiros são vistos como parte essencial da economia trabalhando em diversas áreas, de lojas de conveniência à área médica, mas muitos ainda tem dificuldades para alugar um imóvel ou abrir uma conta no banco. Várias municipalidades apoiam e reconhecem a união homoafetiva, mas o governo atual além de não a reconhecer, continua adiando as discussões relacionadas ao tema. E a comunidade LGBTQAI+ ainda carece de representatividade na sociedade como um todo.

Apesar desses contrastes sociais, é bom ver o impacto de algumas iniciativas e várias mudanças relacionadas ao tema diversidade—em qualquer uma de suas variações—acontecendo nos últimos anos, mesmo que a passos tímidos. Sabe-se que transformações sociais não acontecem repentinamente, ainda mais em um país com a bagagem histórica e o ambiente demográfico peculiares como o Japão.

As mensagens enviadas pelo Japão nas cerimônias de aberturas dos jogos Tóquio-2020, a visão da nova Agência Digital e o conceito de sociedade 5.0 mostram que o Japão acredita numa sociedade mais inclusiva, que valoriza as diferenças e que quer abraçar a diversidade. A sociedade tem se atualizado para os padrões do mundo contemporâneo, se preparando para o futuro. Mas para que esses objetivos sejam atingidos, talvez ainda haja um longo caminho pela frente.

Referências

The Government of Japan website.
https://www.japan.go.jp/kizuna/2021/06/the_other_side_of_tokyo_2020.html

東京オリンピック・パラリンピック競技大会組織委員会
https://www.mext.go.jp/b_menu/shingi/chukyo/chukyo5/gijiroku/_icsFiles/afieldfile/2015/10/22/1362260_09.pdf

Cabinet Office of Japan. https://www8.cao.go.jp/cstp/english/society5_0/index.html

OECD, PISA 2018. https://www.oecd.org/pisa/publications/PISA2018_CN_JPN.pdf

The Council of Local Authorities for International Relations (CLAIR),
JET Program website. <http://jetprogramme.org/en/history/>

EF Education First, English Proficiency Index. <https://www.ef.com/wwen/epi/>